

José Cardoso Pires fala do seu último romance

«Alexandra Alpha» representa um esforço de identificação do País com a língua

«Com Alexandra Alpha o que quis evidenciar foi a trajectória de uma mulher de dois rostos e de duas personagens como, aliás, possuem a maior parte dos indivíduos de determinado escalão da sociedade. Mas, fundamentalmente, o que pretendi foi descrever o percurso de uma mulher que, de certo modo, representa uma metáfora da trajectória de um país», disse ao «O Primeiro de Janeiro» José Cardoso Pires a propósito do seu último romance «Alexandra Alpha».

Há dois anos atrás, por ocasião do Festival de Cinema de Tróia, o autor de «E Agora José?» descia, às vezes, da sua «torre de marfim» para admirar alguns filmes ingleses, para, de seguida, voltar a mergulhar solitariamente na escrita. Começava a nascer «Alexandra Alpha».

No espaço de meses o livro aparece nos escaparates e três meses depois são lançados no mercado 45 mil volumes.

Avesso às habituais sessões de autógrafos, José Cardoso Pires não quis resistir a um pequeno salto ao Porto, não só para reencontrar velhas amizades, como para ouvir o Prof. Óscar Lopes falar da sua obra.

E foi precisamente por entre autógrafos e as dedicatórias que conseguimos falar com o escritor, durante breves minutos. Com a promessa de um dia destes se voltar a falar, com mais pormenor, sobre a obra e o ofício de escrever e sobre a crescente importância que a literatura portuguesa assume na Europa.

«O Primeiro de Janeiro» — Começamos pelo título deste seu novo romance «Alexandra Alpha» é o nome de uma mulher que assume uma dupla personalidade e, ao mesmo tempo, dois rostos. O que é que pretendeu evidenciar?

José Cardoso Pires — Como sabe, o nome Alpha não tem nenhum significado em especial mas o de Alexandra Alpha tem duas intenções. Por um lado, Alpha era responsável por uma empresa multinacional americana — a Alpha Linn SA — e, por outro, é uma mulher de duas faces nitidamente marcadas. Fundamentalmente, o que penso e o que pretendi evidenciar foi uma mulher de duas personagens, como a da maior parte dos

indivíduos de determinado escalão social.

«PJ» — Mas a maior parte dos seus romances anteriores também têm personagens de duas faces...

J.C.P. — É verdade que sim. Só que neste caso concreto de «Alexandra Alpha» o que eu fundamentalmente tentei foi descrever a trajectória de uma mulher que, de certo modo, fosse uma metáfora do percurso do País.

«PJ» — Como situa este seu último romance na geração do pós-25 de Abril? Acha que as pessoas já não têm memória?

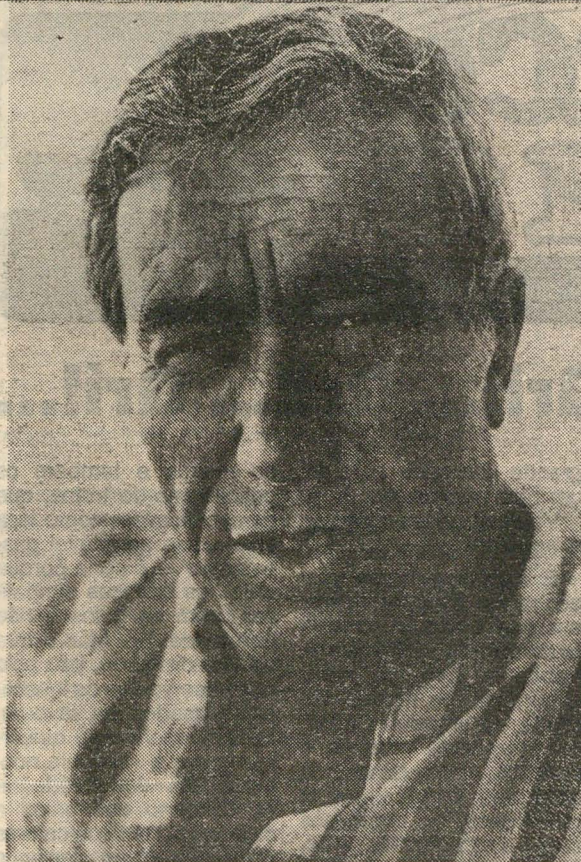
J.C.P. — As pessoas não perderam a memória, mas também não se aperceberam da mudança fundamental que se operou na sociedade portuguesa a partir dessa data. Recuando no tempo, eu diria que as pessoas não esqueceram esse marco histórico só que há muitas gerações

que não sabem ainda como era o 24 de Abril. Uma grande fatia da população portuguesa ainda está na ignorância do que foram esses tempos.

Portanto, o 25 de Abril é quase como uma efeméride meramente histórica. E a verdade é que nós hoje estamos numa sociedade incomparavelmente mais actualizada, mais rica e mais livre, graças às transformações operadas. Essa data está portanto marcada, define as próprias personagens e representa um golpe nas suas vidas. Todos nós, afinal, acusamos esse corte, quase como que uma sangria salutar. E quando alguns mentem ao país, servindo-se de uma certa amnésia, eu reafirmo a ideia de que só pode haver liberdade enquanto formos capazes de lembrar os tempos difíceis.

«PJ» — Como é que se sente o escritor, que tem a rara condição de só viver da escrita?

J.C.P. — Sente-se bem já que se sente muito mais livre. O indivíduo que é simultaneamente professor e advogado e escreve tem por si próprio um sentimento de desculpa em relação aos seus fracassos. Um homem que só escreve não tem alibis. Em todo o caso, eu prefiro vinte vezes ter essa responsabilidade. Não existe censura como



José Cardoso Pires: «Só pode haver liberdade enquanto formos capazes de lembrar os tempos difíceis da repressão»

antigamente e não tenho nenhuma contemplação sobre mim. E esse é o lado onde a responsabilidade é muito maior.

«PJ» — A literatura portuguesa tem despertado interesse na Europa. Sucede-se as traduções, multiplicam-se as edições e reconhece-se a originalidade da sua escrita. Porquê este interesse pela literatura portuguesa? Será que as restantes literaturas europeias estão em crise?

J.C.P. — A sua pergunta levanta várias questões. É evidente que a literatura portuguesa ocupa hoje um lugar de destaque. Quanto aos factores que contribuíram para isso devo escla-

recer o seguinte: a Espanha não tem romancistas de peso, nem uma estrutura autêntica e pessoalíssima como têm os nossos romancistas. Os nossos escritores aparecem com uma estrutura muitíssimo sábia, e que não foi copiada daqui ou dali. França está, também, numa crise enorme; a Inglaterra está já há muitos anos; a Itália, enfim... De forma que este panorama faz com que o mundo descubra outras literaturas vindas de outros continentes e latitudes.

«PJ» — Como sucedeu com a literatura sul-americana...

J.C.P. — Exacto. Quem é que há anos conhecia Gabriel Garcia Marquez? Agora a grande injustiça que se está a cometer é com a poesia.

«PJ» — Num país de poetas...

J.C.P. — Concordo, só que divulgar e traduzir a poesia não é a mesma coisa que divulgar a prosa e a ficção. O público é mais restrito, mesmo assim conseguimos edições na ordem dos três mil exemplares, o que é um número bom mesmo em França ou em Inglaterra.

«PJ» — Vamos acabar com a pergunta inevitável. Depois de «Alexandra Alpha» o que é que vai acontecer?

J.C.P. — Não sei. Tenho várias coisas para fazer e penso publicar mais um livro este ano. Ainda não tem título. Não gosto de falar do futuro.



O autor de «Alexandra Alpha» com o crítico e ensaísta Óscar Lopes, durante a «sessão de autógrafos» ocorrida na «Nasoni», ou o reencontro de duas figuras marcantes da vidacultural portuguesa

Entrevista de:
Manuel Vitorino
Fotos de:
Jorge Tavares